

Entre Portas E Janelas



FOTOGRAFIA

Lucas Morates
Sara Munaretto

POESIA

Silvio Nunes

M831 Morates, Lucas
 Entre portas e janelas / fotografias Lucas Morates,
 Sara Munaretto; poesia Silvio Nunes. – [Jaguarão] :
 Unipampa, 2018.
 34 p.

1. Fotografias 2. Poesia 3. Jaguarão – Rio Grande do
Sul I. Munaretto, Sara II. Nunes, Silvio III. Título.

CDU 77(816.5)

Ficha Catalográfica elaborada por Cristiane Silva Teixeira – CRB 10/1501

Por um mundo onde todas as portas e janelas estejam abertas!

Agradecimentos

Esse trabalho só foi possível graças inúmeras mãos, mas não podemos deixar de agradecer principalmente Tatiane Oliveira, Cesar Radtke, e Silvio Nunes, sem os quais não teríamos fôlego para essa tarefa.

Entre Portas e Janelas

As fotos apresentadas neste livro foram feitas na Cidade de Jaguarão/RS, conhecida nacionalmente por sua arquitetura e patrimônio. Esse trabalho nasce de muitos diálogos a partir de provocações sobre como esse patrimônio é reconhecido, pensado e retratado ao longo do tempo, e sobre que “olhares” e sujeitos são privilegiados ou negligenciados. Através de um exercício de experimentação fotográfica, retratamos as portas e as janelas da cidade nos seus detalhes, que passam quase despercebidos pelos transeuntes atarefados pelo cotidiano. O processo criativo ocorre em meio a longas caminhadas e conversas de (re)descoberta nas geografias da cidade. Buscamos sensibilizar o olho que vê ao imaginar as histórias das/os que respiraram antes de nós em cada vestígio-casa. Janelas e portas são passagens. Lugares por onde se passa entreabrindo fragmentos de histórias. Pontos de ligação, transição, deslocamentos, temas. Atestados da variedade do contínuo espaço-tempo. Passam, pessoas, ventos, réstias de sol, histórias. Assim, convidamos você a desacelerar e observar esses detalhes, obras de mãos e do tempo. Para complementar a experiência, o livro traz as poesias de Silvio Nunes, que também revisitou lembranças e imaginou histórias. Nunca saberemos quais partes são verdade e quais inventadas. Desejamos uma boa viagem por essas imagens e poesias. Pode entrar! No nosso mundo não há cadeados...

Desejamos aos leitores uma boa viagem por essas imagens e poesias.

Lucas Morates

Sara Munaretto



CARPE DIEM

Um coito interro...mpido

É o "interro" da humanidade

Quando as casas fecham os olhos

E escorrem remendos

Já é tarde....



DOS VIVOS

As árvores são as únicas

Que gostam de ficar nuas no inverno

E são tãosecas

Que deixam passar os dias cinzas

Onde todos nós, que fomos assassinados

Sofremos de desmatamento



Dizem que os fantasmas de Jaguarão
Foram todos aprisionados num porão
Que só tem uma pequena entrada azul
Bem pequena...
Pra que ninguém possa incomodá-los

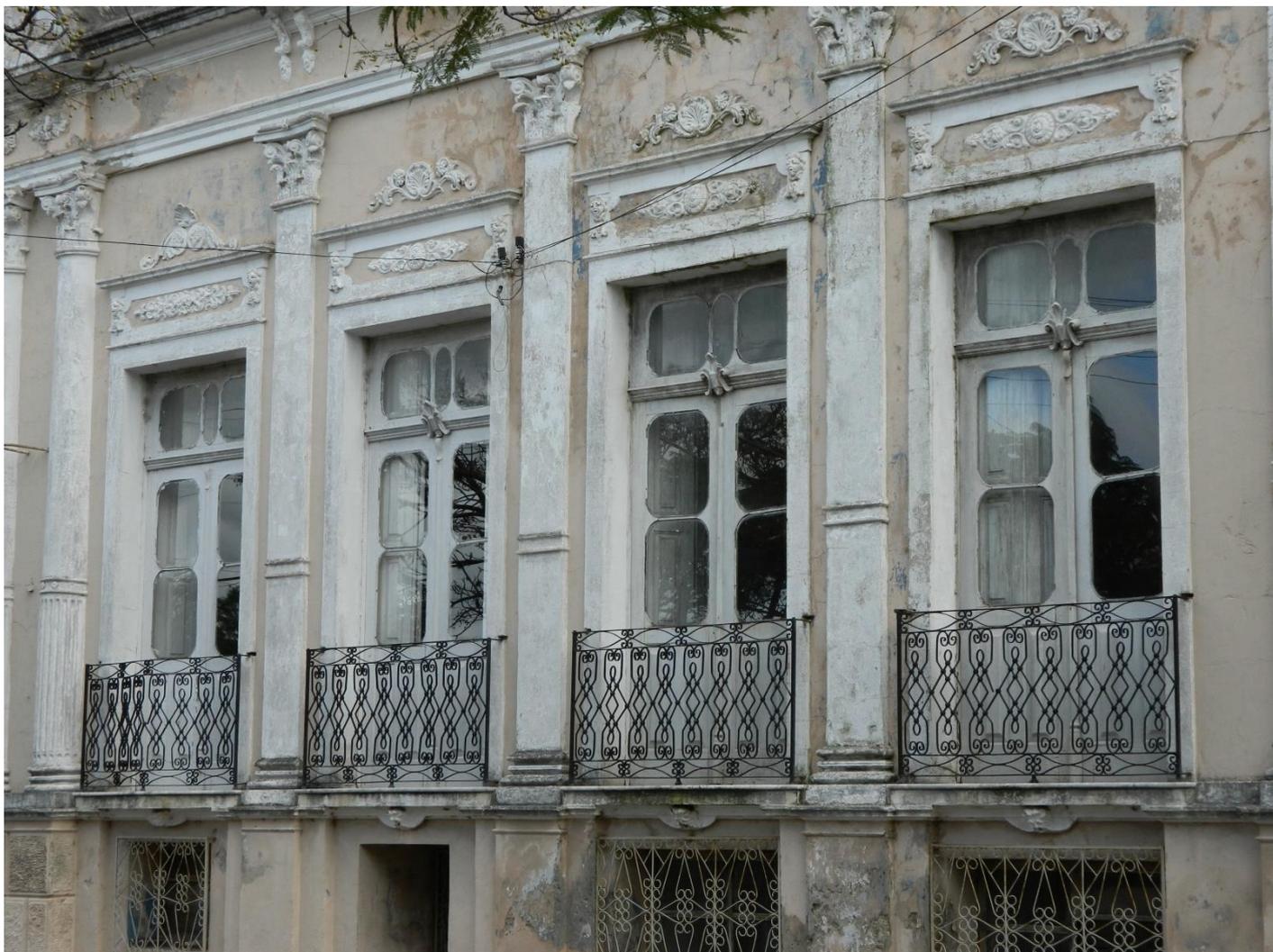


A minha casa quer te respirar
São teus esses meus olhos, que degrade
Eu fiz um archeduto e de balde
Comecei, bem aos poucos, me vaziar

Há muitas rachaduras neste ar
Marcas de um tempo novo, sem idade
Palavra que tem sal, é a saudade
Ela envelhece tudo, até o olhar

Tudo que nasce em mim é tão daninho
Tem tanta superfície na raiz
Que uma brisa sequer: e desalinho

Sou ferro e concreto – de verniz
Se quiser me matar, basta um ancinho
Igual algum soneto – feito giz



Dois fantasmas surdos conversam
Pelas sacadas opostas do velho casarão

Disse o primeiro:

- E aí! Tá assombrando?

No que respondeu o outro:

Não! To assombrando.

Replicou o primeiro:

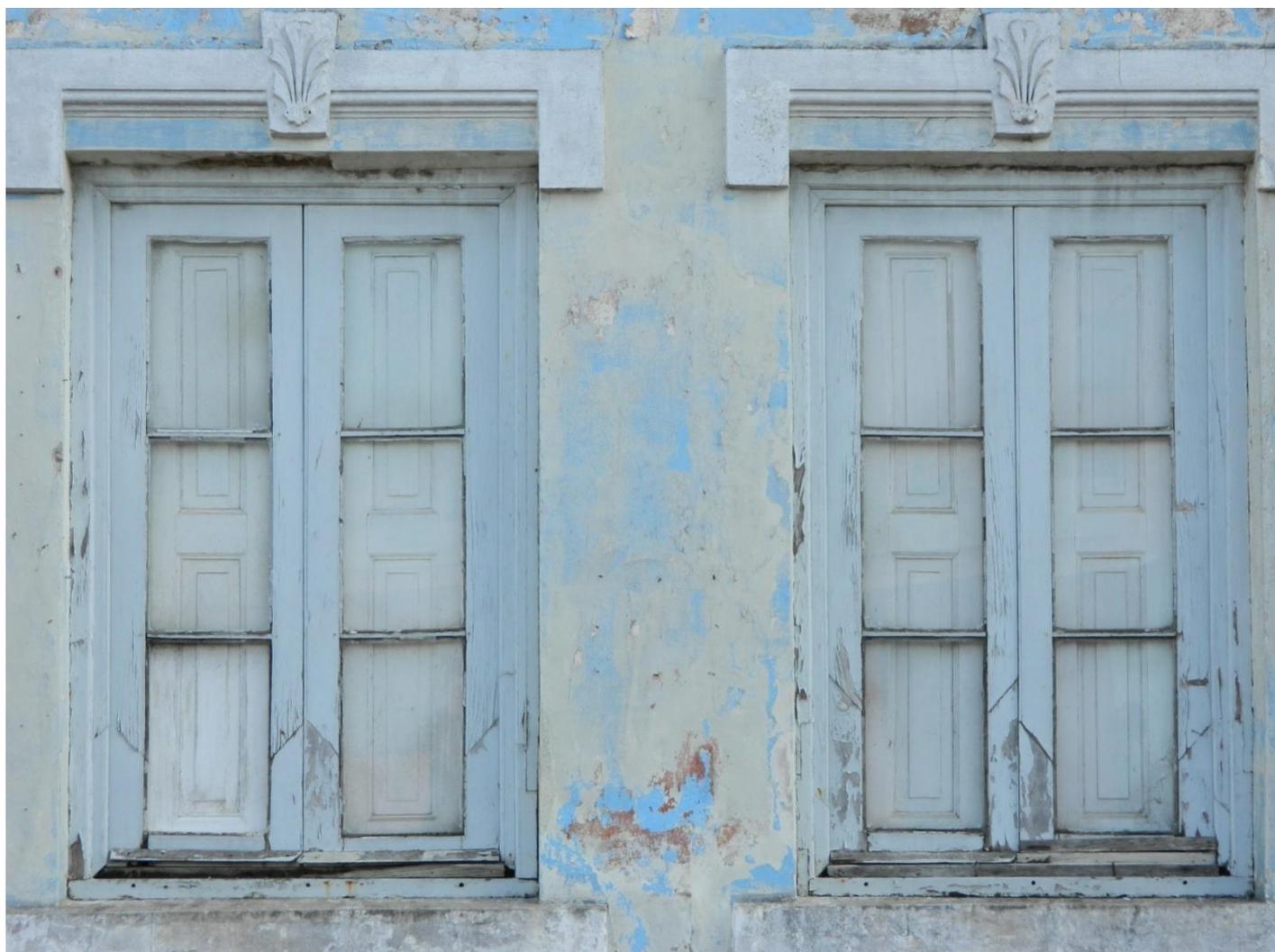
- Ah! Pensei que tava assombrando...



Tudo sempre envelhece

- menos o olhar -

Com suas flores marteladas



“- Janela, janelinha

Porta e campainha.

Plím!”

Alguem em casa?

- Ninguém



						E	I	R	A	S
				B	E	I	R	A	S	
				E		R				
O	L	H	E	I	R	A	S			
				R		S				
				A						
				S						



O velho
É masculino de
Ovelha
De Olheiros
Olheiras
Azuis...



Grades, fios e concreto

E a nuvem insiste passar

Na vidraça...



Um passarinho de vidro

Pousou no reflexo

Abri uma fresta pra ele sair

A árvore andou...



Tudo que me falta de azul

Pinto em paredes de mim

Num antes e depois do mesmo

Sem infinito...



Ler Poesia...

Tenho dúvidas quanto a isso –

Talvez um analfabeto leia melhor

Talvez

A palavra nem seja de ler



GALOPE

Nada como morar numa casa

Sem paredes

E pendurar nelas muitos quadros

Com fotos no céu

Olha o cavalo passando

Pocotó! Pocoto! Pocotó



Ah essas janelas antigas
Com seu jeitão de túmulo
Dos mortos verticais
Que não se foram
E dos que ficaram
Chorando remendos
De pingadeira



LARANJEIRAS

Nas toalhas de plástico

De folhas caindo

É sempre outono



Os homens fazem casas com janelas

Pra ver o sol entrar

E geralmente são quadradas

Mas ele entra mesmo assim

Meio sem encaixe

No redondo dos olhos



Antes da luz elétrica

As casas podiam dormir de olhos abertos

O quanto a escuridão pode ser novidade

Pra quem vive de fachadas



Fechem suas casas!

A guerra começou

Lacrem tudo!

E fiquem bem quietinhos

Do lado de fora



Laboratório de Cultura
Material e Arqueologia